

Mídia
Data
Evento
Página

Web
17.Set.2026
36ª Bienal de São Paulo
https://bienal.org.br/catastrofe-orquestra-entrevista-com-antonio-tarsis/?fbclid=PAcGRvZgRleHRuA2FlbQlxMQBzcnRjBmFwcF9pZAWyNTYyODEwNDA1NTgAAafT2fEC13-y3ZnD_5Tl1zRw4cAjfpMdoKIP_oGrzglCXurKL7d0JJDcOnTDvg_aem_R2bvOM5ygYrldfq7kbApQ

Veículo
Autor
Artista

Bienal de São Paulo
Antonio Tárzis
Antonio Tárzis

17 SET 2026

Catástrofe orquestra: entrevista com Antonio Tárzis



Vista de catástrofe orquestra #1 (Ato I), de Antonio Tárzis, na 36ª Bienal de São Paulo - © Natt Fejfar / Fundação Bienal de São Paulo

Um estrondo é causado quando um pêndulo de carvão despenca sobre um tambor. Entre outros fios de carvão e tambores, uma orquestra de materialidades se apresenta em forma de sons e painéis feitos de caixas de fósforo recicladas. Da colisão entre materiais e acontecimentos históricos nasce *catástrofe orquestra #1 (Ato I)*, obra de Antonio Tárzis criada especialmente para a 36ª Bienal de São Paulo. A obra agora integra a mostra itinerante da Bienal no Chile. Leia o depoimento do artista.

Mídia
Data
Evento
Página

Web
17.Set.2026
36ª Bienal de São Paulo
https://bienal.org.br/catastrofe-orquestra-entrevista-com-antonio-tarsis/?fbclid=PAcGRvZgRleHRuA2FlbQlxMQBZcnRjBmFwcF9pZAwYNTYyODEwNDA1NTgAAafT2fEC13-y3ZnD_5Tl1zRw4cAjfpMdoKIP_oQrzglCXurKL7d0JJdcOnTDvg_aem_R2bvOM5ygYrldfq7kbApQ

Veículo
Autor
Artista

Bienal de São Paulo
Antonio Tarsis
Antonio Tarsis



Antonio Tarsis em seu estúdio em Londres, 2026. Cortesia do artista e Lucas Cordeiro

O que parecia não ter importância

Minha relação com arte começou antes de eu saber exatamente o que era arte. Minha mãe trabalhava como empregada doméstica e eu geralmente a acompanhava. Enquanto ela limpava, eu organizava alguns objetos, produtos e alimentos com embalagens bem diferentes do que estava acostumado a ver: havia uma diferença enorme entre o que existia naquelas casas e o que existia na nossa. A geladeira da nossa casa muitas vezes não tinha quase nada. Então, de certa forma, antes de poder consumir aqueles produtos, eu já consumia suas imagens.

Pouco tempo depois que minha mãe morreu, comecei a pintar e fiquei obcecado pela pintura. Sendo difícil ter acesso aos materiais de pintura, passei a olhar para a cidade como o lugar onde esses materiais poderiam estar. Salvador deixou de ser apenas a cidade onde nasci e passou a funcionar como um arquivo aberto. Extração de valor, violência e circulação de mercadorias começaram naquele chão: a primeira capital do Brasil, o epicentro da escravidão e da colonização nas Américas. No chão de Salvador dá para encontrar matérias que se cruzam diretamente com as camadas históricas que fundaram o Brasil e estruturaram o mundo. Logo percebi que arte, para mim, foi sobretudo aprender a olhar para aquilo que parecia não ter importância.

Mídia
Data
Evento
Página

Web
17.Set.2026
36ª Bienal de São Paulo
https://bienal.org.br/catastrofe-orquestra-entrevista-com-antonio-tarsis/?fbclid=PAcGRvZgRleHRuA2FlbQlxMQBzcnRjBmFwcF9pZAwyNTYyODEwNDA1NTgAAafT2fEC13-y3ZnD_5Tl1zRw4cAjfpMdoKIP_oQrzglCXurKL7d0JJDcOnTDvg_aem_R2bvfOM5ygYrldfq7kbApQ

Veículo
Autor
Artista

Bienal de São Paulo
Antonio Târsis
Antonio Târsis



Vista da obra *catástrofe orquestra #1 (Ato I)*, de Antonio Târsis, na 36ª Bienal de São Paulo. © Natt Feijar / Fundação Bienal de São Paulo

Desmembrar uma embalagem

Tenho pensado cada vez mais nas embalagens como sistemas de códigos, entendendo que o controle global e sistêmico não opera apenas pela força bruta, mas por meio de um sofisticado “código de imagens” e da manipulação de símbolos. A estética e a materialidade no nosso mundo nunca são neutras, são um algoritmo físico, uma engenharia para influenciar o comportamento. As embalagens, antes de chegarem ao produto, já contêm uma construção de mundo. Cor, palavra, símbolo, brilho, logotipo: tudo foi organizado para produzir uma resposta muito específica em quem as observa.

Quando desmembro uma embalagem, estou desmontando esse artifício e engenharia de linguagem, estou deslocando a função para a qual aquela imagem foi desenhada. Acho que meu trabalho não é exatamente sobre objetos e suas embalagens, é sobre o excesso de história escondida dentro das coisas consideradas desimportantes, ou já tão presentes no nosso dia a dia que nem as percebemos. Gosto quando a profundidade não precede tudo, mas está dentro do ambiente de convívio e das coisas pequenas.



Vista da obra *catástrofe orquestra #1 (Ato I)*, de Antonio Târsis, na 36ª Bienal de São Paulo. © Natt Feijar / Fundação Bienal de São Paulo

Mídia
Data
Evento
Página

Web
17.Set.2026
36ª Bienal de São Paulo
https://bienal.org.br/catastrofe-orquestra-entrevista-com-antonio-tarsis/?fbclid=PAcGRvZgRleHRuA2FlbQlxMQBzcnRjBmFwcF9pZAwyNTYyODEwNDA1NTgAAafT2fEC13-y3ZnD_5Tl1zRw4cAjfpMdoKIP_oQrzglCXurKL7d0JJdcOnTDvg_aem_R2bvfOM5ygYrldfq7kbApQ

Veículo
Autor
Artista

Bienal de São Paulo
Antonio Társis
Antonio Társis

Catástrofe

Catástrofe é isso: tudo desmorona. Catástrofe nunca é o silêncio final, mas o exato momento em que alguma matéria em estresse é forçada a emitir sua frequência mais forte e profunda. Minhas perguntas têm ido exatamente nesse sentido: como orquestrar uma grande ruína? Como entender de que maneira conseguimos compor o próprio colapso do mundo, da vida e da morte?



Vista da obra *catastrofe orquestra #1 (Ato I)*, de Antonio Társis, durante a itinerância da 36ª Bienal de São Paulo no Centro Cultural La Moneda, em Santiago, Chile. © Daniel Barahona / Centro Cultural La Moneda

Batalha de materialidades

A história da humanidade é como uma grande batalha de materialidades. Quando recebi o convite da Bienal, foi uma ótima oportunidade de refletir sobre os materiais que venho investigando e como eles poderiam colidir entre si, gerar atrito. As caixas de fósforo que carregam o fogo. O carvão que é praticamente uma árvore fossilizada, queimada; que foi o propulsor dos meios de produção industrial no século passado; que nos fez chegar ao modelo atual de tecnologia – alimentada e gerida pelos ritmos históricos que o fogo (e a água) criaram ao longo do tempo. Em *catastrofe orquestra #1 (Ato I)*, me interessa o ato violento dos pêndulos de carvão sendo derrubados em cima do tambor como representação dessa linha histórica.

Mídia
Data
Evento
Página

Web
17.Set.2026
36ª Bienal de São Paulo
https://bienal.org.br/catastrofe-orquestra-entrevista-com-antonio-tarsis/?fbclid=PAcGRvZgRleHRuA2FlbQlxMQBzcnRjBmFwcF9pZAwYNTYyODEwNDA1NTgAAafT2fEC13-y3ZnD_5Tl1zRw4cAjfpMdoKIP_oGrzglCXurKL7d0JJDcOnTDvg_aem_R2bvfOM5ygYrldfq7kbApQ

Veículo
Autor
Artista

Bienal de São Paulo
Antonio Társis
Antonio Társis



Vista da obra *catástrofe orquestra #1 (Ato I)*, de Antonio Társis, durante a itinerância da 36ª Bienal de São Paulo no Centro Cultural La Moneda, em Santiago, Chile. © Daniel Barahona / Centro Cultural La Moneda

A obra *catástrofe orquestra #1 (Ato I)* nasce do encontro entre materialidades com particularidades bem distintas. Cada uma carregando sua própria história, função e transformação. Quis compor essas relações com materiais e acontecimentos históricos: a extração que transforma a matéria em tecnologia; a tecnologia que reorganiza comportamentos, emoções, formas de vida e violência. Uma coisa sobrepondo a outra, como um grande incêndio em efeito dominó ou uma grande orquestra na qual cada instrumento tem sua função e nota. A catástrofe deixando de ser um evento isolado para ser enxergada como um sistema em funcionamento, regendo nossas vidas a todo instante.